



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ISABEL CRISTINA DA CONCEIÇÃO

**UM MENINO SE TORNOU MESTRE: O SAMBA COMO CONSTRUTOR DA
IDENTIDADE SOCIAL**

Orientador: Prof^o Dr^o Reuber Gerbassi Scofano

**Rio de Janeiro
Dezembro, 2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**UM MENINO SE TORNOU MESTRE: O SAMBA COMO CONSTRUTOR DA
IDENTIDADE SOCIAL**

ISABEL CRISTINA DA CONCEIÇÃO

Monografia apresentada a Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação.

Orientador: Profº Drº Reuber Gerbassi Scofano.

**Rio de Janeiro
Dezembro, 2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ISABEL CRISTINA DA CONCEIÇÃO

**UM MENINO SE TORNOU MESTRE: O SAMBA COMO CONSTRUTOR DA
IDENTIDADE SOCIAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr Reuber Gerbassi Scofano

Profª Drª Ana Paula de Abreu Costa de Moura

Profº. Dr Henrique Garcia Sobreira, UERJ/FEBF

**Rio de Janeiro
2016**

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos que acreditam
na educação para a felicidade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, por interceder pela minha vida desde meus primeiros momentos e por permitir o milagre da minha existência.

A minha Mammy, Maria Isabel da Conceição, que nunca desistiu de me incentivar, mesmo quando tudo parecia perdido. Obrigada por me ensinar que podemos chegar muito além do que acreditamos.

Ao meu pai, Luiz Vasconcelos, que lá do céu, me apoia e ilumina meus caminhos.

A minha filha, minha princesa, meu tesouro, meu bebê, Gabriela da Conceição Rizzo Braga. Obrigada pelos puxões de orelha. Te amo muito muito muito muito.

Ao meu príncipe, meu amor, Wagner Rizzo Braga, pela paciência e estímulo em todos os momentos de nossas vidas.

A Nina Flor, Nega, Estrela, Lua, Alegria (in memoriam), Fiel, Vida, Luz, Paz e Mel, pelo amor incondicional que recebo diariamente.

Aos meus familiares e amigos, especialmente a tia Preta, tia Nadilza, tio Gelo, tia Luciana, Lucy e Braguinha, pelo suporte emocional e financeiro, sem os quais não conseguiria chegar até aqui.

Azamizadas, Otz, Su e Lu pelo empurrão nos momentos em que estava mais propensa a desistir do que avançar, essa conquista também é de vocês. Sempre ao meu lado até o fim.

Aos colegas de UFRJ, especialmente a Roberta Figueiredo, obrigada pela energia positiva nessa Caverna do Dragão.

Aos companheiros de ExFEPE, sempre em frente, combatendo o oportunismo delinquente. “Fora UNE!”.

A Deisoca, Alê e Fernanda Novaes pelos levantes, sem vocês nem sei como seria.

Ao professor Reuber Gerbassi Scofano, que além de orientador, é meu maior exemplo, meu Jequitibá. Quando crescer, serei como você.

Ao professor Henrique Garcia Sobreira, por me fazer refletir a formação para uma escola que não existe mais.

As professoras que me inspiraram durante o curso, Vânia Motta, Regina Céli Oliveira, Jussara Macedo, Fabiana Rodrigues e Silvina Fernández que se destacaram entre tantos mestres, mostraram com suas atitudes, que nossa prática deve ser regida por nossas convicções.

Alguns com doçura, outros com severidade, mas todos transmitindo empatia e construindo um aprendizado consistente.

A professora Graça Reis, que através do seu projeto de pesquisa, me ensinou que podemos transformar nossa realidade utilizando *espaçotempos* múltiplos, possibilitando novas oportunidades de aprendizado e crescimento em todos os momentos de nossa vida.

Ao Ita, Dinha, Malha, Claudinho e Léo, que através do seu trabalho e suporte, possibilitaram que eu chegasse até aqui.

Agradecimento mais que especial, a todas as cervejas que bebi durante a graduação, sem elas não teria sequer a coragem de ir para a faculdade, quanto mais finalizar o curso.

Ao meu estudo de caso, que preferi não identificar, obrigada por ser esse exemplo de vida e pela oportunidade de contar que é possível escolher outros caminhos.

Demorei, mas consegui!

Agora é colher os louros dessa vitória. Brindemos a isso!

*“No morro me apego na fé e seguro a cabeça, no samba
levanto meu corpo e me abraço com a vida”.*
(Moby)

RESUMO

O presente estudo visa possibilitar a relação entre o samba, neste caso, o envolvimento com a organização de uma bateria de escola de samba e a construção da identidade social. Buscando atribuir reflexões e realçando elementos indispensáveis na formação do profissional pedagogo e compreender que a educação se dá em todos os locais, possibilitando repensar o papel da escola na sociedade e contribuir para uma modificação desses espaços. A metodologia escolhida para realização deste trabalho foi o estudo de caso de um ritmista em especial, mestre da bateria de uma escola de samba de uma favela do Rio de Janeiro com história de vida peculiar e exemplo para outros jovens da localidade onde reside e trabalha. Após a escolha da metodologia, realizamos entrevistas buscando detalhar sua trajetória e sua realidade. O trabalho conjunto entre a vivência acompanhada e o estudo teórico possibilita explicar como um rapaz sem instrução escolar formal institucionalizada detém noções éticas necessárias para se destacar em nossa sociedade. As entrevistas foram realizadas buscando salientar a importância das relações sociais na produção de sujeitos éticos. Os principais interlocutores teóricos para a realização deste trabalho foram DA MATTA (1997), DE MASI (2000), FREIRE (1996) e ILLICH (1973). Partindo deste estudo, buscamos introduzir uma apropriação dos saberes dos educandos na escola, distante da educação tradicional e bancária, consciente das especificidades de cada indivíduo para efetivação de uma aprendizagem consistente e capaz de vincular a realidade e os conteúdos ensinados, comprometidos com o que acreditamos ser uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Samba; Educação; Cultura; Sociedade; Identidade; Abordagem biográfica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – SAMBAR PARA NÃO DANÇAR.....	12
CAPÍTULO 2 – FORMAR PROFESSORES PARA TODOS OS ESPAÇOS.....	15
CAPÍTULO 3 – O ÓCIO PARA CRIAR E A PREGUIÇA PARA PRODUZIR.....	18
CAPÍTULO 4 – APRENDER EM TODOS OS ESPAÇOS.....	21
CAPÍTULO 5 – UM MENINO EM CONSTRUÇÃO, O ESTUDO DE CASO.....	25
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

Baseando-se nas entrevistas com o mestre da bateria de uma escola de samba de uma favela do Rio de Janeiro, este trabalho tem como objetivo compreender como as relações sociais influenciam na construção da identidade dos sujeitos relacionados com o samba e que não possuem ligações com a educação institucionalizada. A escolha deste campo de análise se deu por conta de observação prévia do cotidiano destes sujeitos e a particularidade deste caso se caracteriza por conceitos que afirmam valores e consolidam a singularidade deste espaço nesta realidade. Partindo da premissa de que a escola é o principal campo de formação da identidade dos cidadãos, torna-se imprescindível observar enquanto educadores, a existência de outros possíveis espaços para a construção social. Além disso, é preciso proporcionar um trabalho conjunto entre espaços formais e não formais de educação, viabilizando repensar a escola, suas condições e suas possibilidades, sem isolar e condicionar suportes e metodologias, expandindo os padrões atuais, implementando novidades que acreditamos ser a chave para transformação escolar, com qualidade e ampliada para todos como desejamos. Pensar e realizar a escola incluindo segundo GADOTTI (2010): “...uma nova qualidade, onde se acentua o aspecto social, cultural e ambiental da educação, em que se valoriza não só o conhecimento simbólico, mas também o sensível e o técnico.” Acreditamos que estes são os preceitos fundamentais para uma educação democrática e funcional para todos.

Enquanto ritmista, pudemos observar a influência positiva que essas organizações têm em relação aos jovens que dela participam e partindo dessas observações, acompanhamos o caso particular do mestre dessa escola de samba, definindo então a metodologia de pesquisa para a realização deste trabalho: o estudo de caso da trajetória de vida desse rapaz.

Na favela acompanhada, as crianças desde muito cedo, aprendem a tocar instrumentos musicais utilizados nas baterias de samba, tais como: tamborim, chocalho, caixa de guerra, repique e surdo. Instrumentos de aprendizado complexo, mas que como fazem parte do cotidiano deles, acaba por naturalizar e facilitar sua execução. Outra observação importante feita durante a realização deste trabalho foi que muitos acabam por não frequentar as aulas escolares regularmente (por diversos motivos que não cabem neste estudo, possibilitando ser objeto para um próximo), mas tornam-se cidadãos efetivamente incluídos na sociedade, conscientes da moral e ética necessárias para tal. São capazes de formar sua identidade social. Para este trabalho, entendemos identidade social como “um conjunto de valores, atitudes,

representações, que lhes permita reagir de maneira favorável às situações sociais que enfrentam”, segundo SENOS (1997).

Definida a motivação, importância desse estudo e a metodologia utilizada para realizá-lo, passamos a pensar na contextualização e sentido de educação nessa realidade. Assim, decidimos que para definir o sentido de educação e escolarização nas favelas, nos referenciamos por NOGUEIRA (1991):

Ao mesmo tempo que expressa sentimentos e atitudes de rejeição e de distanciamento em relação a ela [escola], como que reconhecendo e reagindo ao processo de identificação negativa a que ela fica exposta (com suas consequências em termos de discriminação, desvalorização, em suma de inferiorização social), não abdica de seu direito à instrução, aceita-a como fonte legítima de aquisição do conhecimento, e nela deposita suas expectativas de promoção social.

Relacionamos esse pensamento com o que observamos no campo estudado e tornamos possível admitir que “a transmissão de valores, a possibilidade de obtenção de saberes mínimos para o campo profissional e a formação moral seriam os bens adquiridos pela escolarização”, assim como visto em SILVA (2002). Portanto concluímos que necessitamos de ética para conviver em sociedade, contudo o aprendizado dessas noções não se dá apenas na escola, também é possível adquirir esse conhecimento em outros espaços e para isso que buscamos relacionar o cotidiano de uma favela e a realidade de uma escola de samba com a possibilidade de expandir a educação escolar.

Quando escolhemos trabalhar a metodologia de pesquisa através do estudo de caso, precisamos considerar que “A partir do momento em que estamos tratando de discursos, não podemos pretender ter acesso às práticas. Isso porque, primeiro, existe aquilo que temos o hábito de chamar, hoje de “efeitos de legitimidade.” conforme vimos em LAHIRE (1997). Então não podemos restringir nossas possibilidades em relação a esta trajetória de vida, mas devemos considerar que é um caso entre tantos outros, apesar de sua importância singular e por isso determinante para modificação daquela comunidade específica. Partindo desse princípio, referendamos nossa metodologia de trabalho interferindo o mínimo possível e nos colocando enquanto observadores, pois:

Uma parte do trabalho do entrevistador consiste justamente em limitar o máximo possível os efeitos de legitimidade através de sua participação ativa na entrevista e ofuscando sua pessoa em prol da palavra e da experiência dos entrevistados. Isso implica em não colocá-los em situação de humilhação cultural e, ao contrário, isentar de culpa os que se autocensuram durante a entrevista. LAHIRE (1997)

Estudando mais profundamente as relações escolares, podemos perceber que através dos tempos, a escola permanece com a mesma intenção de anos atrás e que manter essa

instituição da mesma forma, sem considerar as modificações sociais ocorridas com o passar dos anos é insistir que nem todos são capazes de uma educação bem sucedida. Tendo em vista essa constatação, analisar outros espaços socializantes e quais contribuições pode transmitir desses espaços para a escola é primordial. Esse motivo, dentre outros, culminaram na escolha da temática deste trabalho e o campo de pesquisa a ser apresentado. Reforçando assim a necessidade de buscar novas possibilidades de aprendizagem e convivência já que a escola não consegue contemplar todos os alunos da mesma forma. Não podemos garantir que os educandos aprendam simplesmente, ou mesmo que aprendam o que gostaríamos que eles aprendessem. Eles irão aprender o que quiserem, puderem, ou não aprenderão. É preciso diferenciar nosso objetivo que é compreender a influência das relações sociais fora da escola e proporcionar novas possibilidades de aprendizagem, partindo do cotidiano dos educandos, com os objetivos esperados tradicionalmente que classificam e restringem a educação ao fracasso ou sucesso escolar. Enquanto educadores, devemos oportunizar aprendizagem para todos e isso significa compreender que o aprendizado ocorre em todos os espaços. O sucesso ou fracasso escolar está intimamente ligado às perspectivas externas, não devemos nos culpar caso esse aprendizado não aconteça, mas também não podemos ficar alheios a novas possibilidades educacionais, visando realidades diversas. As pessoas não são iguais e com isso a importância dada à educação também não pode ser. Pensar a escola como uma fábrica de produção de aprendizagem e acabar por realizá-la dessa forma, produzindo alunos homogêneos, idealizando educandos perfeitos, sem problematizar as contribuições possíveis na transformação da escola no espaço que desejamos. Modificar o modelo atual possibilitando outras formas de educar também faz parte das atribuições deste trabalho.

Não pretendemos com este estudo produzir resultados surpreendentes, mas buscar apresentar, na academia, cotidianos pouco desenvolvidos ou visibilizados que precisam ser expostos com mais frequência e destaque.

CAPÍTULO 1 – SAMBAR PARA NÃO DANÇAR.

Durante a construção do pré-projeto deste trabalho, percebemos que o ano de 2016 coincide também com o centenário do samba. Aproveitando essa comemoração e motivada pela paixão que esse estilo de vida (e não apenas um ritmo musical) proporciona, acreditamos que dedicar um capítulo em sua homenagem é importante como parte fundamental do objeto que pretendemos estudar. De onde viemos e para onde podemos ir, é o ponto inicial da relação do samba com a construção da identidade dos meninos da favela e podemos entender essa relação mais profundamente a partir da história da criação do samba.

O samba é um gênero musical brasileiro, historicamente sua origem se deu no século XIX e desde então faz parte da cultura do Rio de Janeiro onde está vinculada a concentração de negros escravos e a sua representação a partir da música e da dança. A expressividade dos escravos em suas reuniões religiosas e a utilização de instrumentos de percussão durante esses rituais possibilitaram a criação deste gênero musical que ao passar dos tempos se renova e fortalece em conjunto com outros gêneros.

Segundo DINIZ (2006, p.13), “Apesar de ser um gênero resultante das estruturas musicais europeias e africanas, foi com os símbolos da cultura negra que o samba se alastrou pelo território nacional.” e devido a sua posição geográfica, o Rio de Janeiro centralizava a circulação dos escravos na região do porto. No entorno dessa área, possivelmente na região da Praça Onze, aconteciam os encontros desses escravos, seguidores da religião Iorubá e durante essas reuniões o samba se iniciou. Conseqüentemente, hoje a maior referência do samba em nosso país é o Sambódromo, localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, mesma região onde o samba foi simbolicamente iniciado e permanece sendo homenageado todos os anos.

Pensamos a partir deste momento no dilema que é contextualizar a realidade brasileira, com suas especificidades e sem personagens pré-definidos, na complexidade das relações sociais. O Brasil sempre apresentado como país do “oba oba”, onde apenas os pobres e socialmente desvalidos temem por suas condições e necessitam transformar suas realidades, modificando a sina que é esperada para estes. Dos negros do século XIX aos jovens favelados dos tempos atuais, compreendemos a necessidade de expressar suas dificuldades, suas emoções e o samba permanecem como principal instrumento de representatividade.

O que torna nosso país tão especial? Necessitamos desse debate porque segundo DA MATTA (1997) nossa sociedade é, “diferente e única, muito embora esteja, como outros sistemas, igualmente submetida a certos fatores sociais, políticos e econômicos comuns.”

Desse modo, precisamos de ações de transformação, observando nossa individualidade e de atos específicos capazes de construir mecanismos para ampliar conhecimentos e oportunidades. É aqui que pensamos na representatividade do samba, sua intimidade diante do principal personagem do nosso estudo e na possibilidade de utilização dentro do nosso atual sistema educacional.

DA MATTA (1997) ainda nos indica que o caminho para a transformação das realidades, passa por “Descobrir e levar adiante a relativização do pensar sobre a realidade humana como sendo feita de princípios sociais relativos uns aos outros, coisas historicamente dadas e, portanto capazes de serem atualizadas por instituições diferentes com posições diversas em sistemas distantes uns dos outros.” Com isso, acreditamos que a interação humana é um excelente método de transformação social, independente do ambiente onde essas relações ocorrem e do tempo em que acontecem. O que aprendemos em um determinado espaço se amplia e transfere de acordo com que repassamos esse aprendizado em outros grupos sociais. É o que acontece em relação ao samba, constrói aprendizado dentro da favela e se amplia em outras esferas.

Durante a construção deste trabalho, buscamos na antropologia formas de transformar a sociedade, utilizando outros espaços e complementando os atualmente utilizados para construir os indivíduos. Como este trabalho está voltado diretamente para a educação e a formação de professores, especificamente, a escola é nosso objeto de transformação principal. Agora como efetivamente causar uma transformação da escola? Pensamos a melhor forma de introduzir novas possibilidades nesse campo, diversificando suas ideologias além do que já temos, observando e valorizando a necessidade do educando, trabalhando sua singularidade, entendendo que a individualidade é importante para entendimento do todo.

Quando pensamos em organização de qualquer espaço verificamos princípios organizacionais. A hierarquia será mesmo necessária para otimizar o aprendizado dos alunos? De onde eles vêm? Qual o sentido que a educação tem para esses educandos? Sem a educação formal, eles conseguem manter o que prezamos como honra? Até que ponto podemos transformar efetivamente essa realidade? São essas as questões que devemos considerar essenciais quando pensamos numa escola verdadeiramente construída para transformação. DA MATTA (1997), indica que “Mesmo numa sociedade historicamente determinada, se podem encontrar valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo.”, com isso podemos acreditar que nossa sociedade está em transformação e podemos fazer parte

dela, construindo novos indivíduos, valorizados pelo conhecimento que já tem e não apresentam na escola.

Precisamos verificar o significado dessas transformações, o sentido que essa consciência terá e de que forma produziremos uma nova história. Transformar a educação que temos hoje em uma educação libertária e possível para todos. Educação que busque não só transmitir e reproduzir valores.

CAPÍTULO 2 – Formar professores para todos os espaços.

Quando pensamos na relação professor-aluno, não podemos esquecer que a educação se dá em vários espaçostempos e o professor deve se preparar para lidar com essa realidade e para tanto, precisamos valorizar a formação docente relacionada com a prática educativo-progressiva que favoreça a autonomia dos educandos. Esse favorecimento deve ser tratado como prioridade nas instituições formadoras e o bom preparo do profissional de educação é fundamental para uma efetiva mudança dos indicativos de aprendizagem vistos nos últimos tempos. Contudo a educação sozinha não é capaz de modificar a realidade, mas acreditamos que é um dos caminhos para a transformação, integrada a motivação profissional que é necessária nos últimos tempos.

A observação do ser educando é imprescindível para a formação do educador. Valorizar seus conhecimentos prévios, sua trajetória de vida e seu ponto de vista são parte dos preceitos fundamentais do professor em qualquer situação. É nossa responsabilidade enquanto no exercício da profissão e precisamos nos preparar para coincidir nossa ética com a realidade que buscamos construir. FREIRE (1996, p. 18) indica que “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade.” Assim devemos considerar nossos sentimentos e impressões, mas sem desmerecer nossos educandos e seus conhecimentos. Acreditar que o educando é o principal interessado na produção do seu próprio saber é o primeiro fundamento para perceber que a educação não é transmissão de conhecimento e sim instrumento para proporcionar a construção deste e que somos mais um dos responsáveis na indicação deste caminho. Facilitar a aprendizagem e buscar elementos que possibilitem essa prática são condições fundamentais para quem busca educar, reforçando que educar não é simplesmente transferir conhecimentos e sim conduzir os educandos a propostas críticas, questionadoras e reflexivas do que é importante aprender e dos interesses despertados em cada um. Pensar a educação e a valorização do professor, a importância do seu papel, enquanto formador e em formação constante, visando o ensino não como transmissão de conteúdos e sim como ensinar a pensar, ser crítico, reflexivo. Respeitando o conhecimento e a cultura já apresentadas pelos educandos, sem desmerecer ou desvalorizar os saberes apresentados por eles. Considerando suas trajetórias de vida, seu passado, seus interesses e suas dificuldades, assim como FREIRE (1996, p. 33) nos indica que “...nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo.”

Valorizando uma formação democrática, que proporciona uma sociedade onde podemos ser nós mesmos, social e politicamente.

A construção do conhecimento passa pela compreensão de que o ser educando cria coragem e segurança a partir dos saberes construídos ou produzidos. Apesar das dificuldades encontradas e divergências possíveis em relação aos pensamentos de professor e alunos, a prioridade é construir e enriquecer as possibilidades educativas dentro e fora da escola. O papel do professor é respeitar a curiosidade dos alunos, estimular sua curiosidade e interesses, lembrando que segundo FREIRE (1996, p.54), somos humanos:

“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.”

O papel do professor em formação é respeitar as necessidades e desejos do seu aluno, independente do que ele acredita. Metodologias, técnicas e aperfeiçoamentos são apreendidos com o passar dos tempos, buscando o bem maior que acreditamos ser a satisfação e aprendizagem plena. Ideologias e crenças são construídas de acordo com as noções enraizadas durante a vida, em todos os espaços e tempos.

Coerência e empatia são as palavras-chave do professor que deseja a satisfação de seus alunos, levando em consideração sua autonomia e sua identidade, apostando no seu potencial criador e independência. Possibilitando sua realização pessoal independente de qual área planeje seguir. Para tanto, devemos pensar que segundo FREIRE (1996, p. 63):

“É o meu bom-senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos.”

Contudo é necessário considerar os conhecimentos prévios do educando, sua realidade econômica e social, seus desejos e possibilidades, sua experiência anterior. Valorizando sua capacidade e permitindo que esse aluno não exista somente, mas que realize suas convicções e desencadeie novas perspectivas entre seus iguais. Desenvolver a capacidade de aprendizagem, recriar possibilidades e renovar realidades e oportunidades.

Defender que a população receba o que de fato merece, ou se aproprie das condições ideais para se igualar socialmente, possibilitando e capacitando os educandos para vencer na vida, ou chegar lá (sucesso), deixando de ser destaque pela superação individual e sim por uma transformação coletiva. Deixar de ser milagre de um e sim realização de vários, transformar,

modificar o mundo que temos hoje. Somos parte de um todo e precisamos aprender a fazer diferente para fazer a diferença. Priorizando sempre os desejos e necessidades, sem impor padrões e critérios que acreditamos ser os corretos.

CAPÍTULO 3 – O ÓCIO PARA CRIAR E A PREGUIÇA PARA PRODUIR

Chamamos de preguiça produtiva, os ensinamentos de Illich em relação a novas possibilidades e a partir daí identificamos através da história da humanidade que somos convidados a acreditar que o homem veio ao mundo para sofrer. Através deste trabalho, modificamos essa forma de pensar, ao menos em relação a educação. Podemos educar de forma prazerosa, utilizando como impulso para aprendizagem, o despertar da curiosidade e suas necessidades pessoais.

A moral capitalista nos indica que devemos reduzir ao mínimo nossas alegrias e paixões a fim de priorizar nossos resultados e nos tornar mais produtivos. Percebemos isso claramente quando entramos numa escola de educação infantil e vemos crianças estimuladas a cantar, brincar, correr, felizes e numa escola de primeiro segmento, a estimulação é em relação a sentar na mesma posição, calar, obedecer, desvirtuando todos os ensinamentos anteriores. Iniciamos a vida escolar trabalhando com a felicidade para depois cortar as emoções positivas desse cotidiano, acabamos por produzir resultados mecanicamente. Precisamos lutar contra isso, oferecer a liberdade da alma e do corpo. DE MASI (p.11) reflete sobre como chegamos a essa metodologia de produção nas escolas, inclusive. "A sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade para expressar-se com a mente".

Consultando o modelo de sociedade da Grécia antiga, identificamos que apenas os escravos trabalhavam enquanto o homem livre só se exercitava e desenvolvia a mente com jogos de inteligência. Desta forma, relacionamos o trabalho com a proposta de educação que temos atualmente e vimos que está para uma educação dos escravos, nos quais devemos simplesmente obedecer às normas impostas e retirar nossas necessidades do currículo. Ocasionalmente nos fazemos a famosa pergunta: Será que um dia vamos utilizar esse aprendizado na nossa vida? Infelizmente muitas vezes o que aprendemos se restringe a realização de uma prova que precisamos cumprir naquele momento, apenas. Os conteúdos não permanecem porque não nos transformam, não fazem significado e se perdem sem aplicação, precisamos de experiências e vivências. Experiência é o que procuramos proporcionar na escola, atuações que de fato transformem, modifiquem nossa realidade. A vivência é o que temos hoje: não nos sentimos mobilizados.

As relações pessoais se transformam com o passar dos anos. Na sociedade pós-industrial, somos preparados para o trabalho durante a infância, atrelados ao desenvolvimento

do que aprendemos na vida adulta e o descanso na terceira idade, quando deveríamos considerar desde sempre os aprendizados de todas as fases da vida, produzindo até o final dela. A evolução da sociedade está condicionada a vincular trabalho e tempo livre. Existe uma insatisfação no atual modelo social que induz o trabalho competitivo. O futuro pertence a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho, como obrigação ou dever, e for capaz de apostar num sistema de atividades onde o trabalho se confundirá com o tempo livre, produtivo e prazeroso. Passamos a vida buscando sucesso escolar que se converterá em sucesso no trabalho, quando deveríamos procurar satisfação pessoal e a felicidade.

A meritocracia presente nas relações escolares acaba por sacrificar os estudantes que não conseguem se adequar ao sistema e esse fracasso se torna um ciclo: fracasso escolar / poucas oportunidades de trabalho / infelicidade. Nossa sociedade acaba por impedir que a criatividade se desenvolva, com a valorização de determinados conhecimentos em detrimento de outros, a arte principalmente é desvalorizada. O atual projeto de educação, no Brasil principalmente, produz infelicidade e medo, pois passamos a infância e adolescência nos preparando para um trabalho que não nos realiza profissionalmente e não nos oportuniza felicidade. Por isso, ILLICH (1973) indica que "a paixão cega, perversa e homicida do trabalho transforma a máquina libertadora em instrumento de sujeição dos homens livres: a sua produtividade empobrece-os." Os trabalhos criativos e artísticos visam proporcionar realização, pois não é necessário chegar à aposentadoria para aproveitar a inspiração e a vontade de fazer alguma atividade. Acreditamos numa linha do tempo diferente e vamos buscá-la: escola libertadora / novos campos de trabalho / felicidade, a escola precisa ser um espaço de motivação.

A escola que acreditamos precisa aplicar em toda ação, um significado de trabalho, jogo e aprendizado, a formação de valores agregados ao divertimento e satisfação, com isso aplicamos o ócio criativo como estratégia fundamental. A necessidade de produzir, acaba por nos deixar sufocados entre tantas realizações pretendidas, quando na verdade a simplicidade das ações é que representa efetiva satisfação. O trabalho é mais produtivo quando realizado de maneira tranquila, sem pressões e angústias. DE MASI (2000, p.158) nos conduz no sentido de que "O ócio é necessário à produção de ideias e as ideias são necessárias ao desenvolvimento da sociedade".

Pensando na sociedade industrial, vemos que o trabalho é cada vez mais realizado por máquinas, o questionamento que nos fazemos é onde ficará o espaço para as relações humanas, desenvolvimento da mente e produções criativas? E as pessoas que não se adequarem a essa

metodologia de trabalho, como buscam sua realização pessoal? A industrialização nos setorizou e acabou transformando as relações de trabalho e nos classificando, alguns mais úteis que outros. A nova sociedade que acreditamos, visa igualar essas relações sem valorizar saberes, ou classificando-os. E essa nova sociedade não tem tempo determinado para acontecer, porque as mudanças não podem ser previstas, devemos considerar a transformação de pessoas e nada é programado em relações humanas.

É preciso reformular o uso da tecnologia em nosso favor, entendendo que somente um desenvolvimento tecnológico, organizacional e pedagógico nos fará evoluir socialmente e DE MASI (2000, p.27), sugere que "cada progresso tecnológico é acompanhado da necessidade de ser transmitido, através do ensino, às gerações futuras".

No século XVIII, os intelectuais se reuniam, estudavam variados assuntos, debatiam suas reflexões e se dedicavam à música e ao entretenimento. Desenvolviam corpo e mente, estudando, debatendo e trocando ideias. A escola que acreditamos, se reflete nesse modelo: os estudantes pesquisam sobre os assuntos de seu interesse, trocam vivências entre eles e se divertem realizando as atividades. Precisamos colocar a emoção nas ações escolares, desenvolvendo assim a criatividade e a amplitude das oportunidades em todas as áreas. Até porque necessitamos do trabalho, mas pensando conforme DE MASI (2000,p.185): "O trabalho também deve ser, obviamente, ensinado não mais como uma obrigação opressora, mas sobretudo como um prazer criativo estimulante".

Apesar de generalizar, neste trabalho, as condições humanas de aprendizagem, devemos respeitar e aceitar que o atual sistema educacional funciona para alguns indivíduos. Podemos proporcionar outras possibilidades que não são contempladas atualmente nas escolas, nos preparar para produzir felicidade, realização pessoal e qualidade de vida.

CAPÍTULO 4 – APRENDER EM TODOS OS ESPAÇOS

Quando pensamos na formação do professor, precisamos pensar também na construção do aluno. De que forma consideramos que o educando aprende? Somente na escola, ou em todos os espaços? Neste trabalho, priorizamos a visão de que aprendemos em todos os espaços e a todo instante. Necessariamente dependemos de nossos interesses e anseios para efetivo sucesso nessa aprendizagem. Durante esse capítulo, vamos tratar de formas para considerar esse conhecimento adquirido sem padronizar e classificar o que aprendemos durante toda a vida e a importância desse aprendizado.

Entendemos que a escola é o espaço principal de aprendizagem, mas seguindo a relação aluno e conhecimento que consideramos durante a elaboração deste trabalho, chegamos a conclusão que a obrigação de frequentar a escola se torna um exercício de sacrifício e não prazer. A desconstrução dessa relação de ensino é necessária para que alcancemos o objetivo de transformar a escola, hoje um espaço institucionalizado e deficiente, num ambiente de construção social e funcional para todos, independente de classe econômica ou colocação na sociedade.

Refletindo sobre as relações sociais e econômicas, devemos salientar que não observamos na escola atual uma educação para todos, uniforme ou homogênea, como acreditamos ser ideal. A escola incorpora as desigualdades e as transmite no seu cotidiano. Por isso nos esforçamos para transformá-la no espaço capaz de oportunizar novas possibilidades e modificar realidades adversas. Transformar a escola num ambiente de aprendizado constante e participação permanente.

Seguindo a atual conjuntura, muitos estudantes, principalmente os de situação social difícil, encontram inúmeras barreiras para concluir sua trajetória escolar de maneira satisfatória, salvo as exceções. Impossibilidades financeiras, pouco acesso a espaços culturais, composição familiar problemática, entre outras situações dificultam sua participação na vida escolar de forma integral e que sem ajuda (da escola ou de seus responsáveis), transformam esse período em um momento de transição para a vida adulta, sem pretensões de ascensão social. A criação de novas instituições são desnecessárias, a escola pode ser um local de interação pessoal, crítica e criativa, construtor de pessoas autônomas.

As necessidades humanas independem das condições sociais. Ricos e pobres tem interesses e ambições comuns que são desencorajados nos pobres e valorizados nos ricos durante o processo escolar. Acontece da mesma forma em relações inter-raciais. A solução

imediate para esses comportamentos repetitivos na comunidade escolar seria a educação individual, mas aí entramos nas legislações que obrigam aos responsáveis a participação das crianças na escola. Segundo ILLICH (1973) “O medicar-se a si próprio é considerado irresponsabilidade, o aprender por si próprio é olhado com desconfiança; a organização comunitária, quando não é financiada por aqueles que estão no poder, é tida como forma de agressão ou subversão.”. De que forma podemos organizar a escola para que ela deixe de ser um espaço de segregação social e se torne um semeador de possibilidades sem distinção? A transformação é fundamental para solucionar essas dificuldades e desigualdades.

É preciso portanto, ficarmos atentos para as modificações feitas na sociedade a fim de adequação aos padrões exigidos pelos membros de camadas economicamente superiores. Para que os pobres tenham possibilidade de ascensão é preciso que novos programas de educação sejam criados e tenham efetivos resultados. Como nivelar o aprendizado de uma criança pobre na mesma escola que uma criança rica sendo que esta tem acesso a oportunidades fora da escola que a pobre não possui?

O papel do educador nos tempos modernos é pensar essas dificuldades que sempre existiram e que hoje buscamos modificar. Novamente orientados por ILLICH (1973), vimos que “Os fracassos da escola são tidos, pela maioria, como prova de que a educação é tarefa muito dispendiosa, muito complexa, sempre misteriosa e muitas vezes quase impossível.” e enquanto quase impossível, permanecemos na busca por novas possibilidades e soluções para as questões conflituosas da sociedade.

Como possibilitar o fim da discriminação entre as classes sociais? Pensamos que em primeiro lugar, é preciso facilitar a aprendizagem para todos, independente das suas condições financeiras, transformando a escola em centros de instrução profissional. Onde o aluno possa encontrar todos os meios de construir sua aprendizagem de acordo com seus interesses e necessidades. A educação precisa ser libertadora e desvinculada de medidas que propaguem o controle social, justiça será quando todos os estudantes tenham a mesma possibilidade de aprendizado num ambiente igualitário. Utópico.

A maioria das pessoas adquire conhecimentos que conserva para a vida, de forma prazerosa, porque o que aprendemos com prazer, conservamos para sempre. Infelizmente a escola é o espaço onde ficamos confinados e muitas vezes não queremos permanecer. Quando pensamos na organização da escola assemelhamos com presídios. Diferente das fases da educação infantil, onde conseguimos perceber prazer nas crianças enquanto falam de suas experiências escolares. Na educação infantil temos a música, a pintura, a arte de uma maneira

geral, ações que nos deixam felizes. Com o passar dos anos escolares, vamos deixando de lado essas experiências e valorizando apenas os conhecimentos da língua nativa e matemática. E quanto sofrimento vemos nos estudantes. Como passar a maior parte da sua vida num lugar de tristeza e descontentamento? Aprender exige interesse e motivação.

Já que dependemos de interesse e motivação, como pensar numa escola igualitária sem pensar em professores certos para alunos certos? Nosso ideal seria criar uma escola como um conjunto de interesses definidos e questões comuns onde a metodologia seria a ajuda mútua. Assim já temos como exemplo, o funcionamento de partidos políticos, igrejas, sindicatos, associações de moradores, que se organizam de acordo com seus interesses para um resultado comum a todos. O mais próximo que temos hoje, são os ensinamentos por projetos.

Em relação à aprendizagem por projetos acreditamos que é um início de novidades e mudanças no atual currículo escolar, que pode vir a ser uma rica fonte de pesquisas futuras partindo deste trabalho. Sabemos que a aprendizagem é independente da manipulação de outros e é movida pela curiosidade e interesse sobre o assunto a ser estudado, por isso acreditamos que é mais efetivo se funcionar com a participação de pessoas com interesses comuns por se tornar uma aprendizagem mais significativa.

A escola acaba por medir os indivíduos de acordo com a capacidade de aprendizagem, tendo em vista que quantifica em valores a imaginação que é possível construir, mas acreditamos que o crescimento pessoal não é limitado e não deve ser. Cada indivíduo é único e suas necessidades são singulares.

Se o aluno tende a procurar outras formas de aprendizado, mais interessantes do que os conteúdos trabalhados na escola, devemos construir, juntos, novas possibilidades de ensinar e aprender que venham a contribuir para a efetivação da escola como local de entretenimento e aprendizado prazeroso.

Nossa escola quantifica a aprendizagem e podemos medir essa quantificação com a valorização do acúmulo de títulos e certificados adquiridos durante a vida escolar, quem mais se qualifica tem maior probabilidade de conseguir sucesso profissional. Percebemos com esse trabalho que o sucesso profissional, nem sempre está diretamente ligado à escolarização, pelo menos não nas atuações onde o conteúdo escolar seja dispensável, que é o caso que buscamos utilizar. Mesmo pouco escolarizadas, as pessoas conseguem perceber a frustração que é não concluir os estudos, cumprindo as expectativas da sociedade, independente de obter sucesso profissional e possibilidade de ascensão social. Seguindo a lógica capitalista, quanto mais se estuda, mais êxito é capaz de conseguir, quem está distante dessa lógica sofre cruelmente,

acreditando que não ser digno de suas realizações ou questionando seu progresso, ILLICH (1973) contribui colocando que

“a escola escraviza mais profunda e sistematicamente, pois unicamente ela está creditada com a função primordial de formar a capacidade crítica e, paradoxalmente, tenta fazê-lo tornando a aprendizagem dos alunos – sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a natureza – dependente de um processo pré empacotado.”

Como dito no capítulo anterior, sabemos que a tecnologia está presente nas relações de trabalho e precisamos investir nesses recursos para desenvolver metodologias que produzam crescimento pessoal e social. A escola é o caminho direto para colocar essas metodologias em prática, pois está aberta, a princípio, para todos. Apenas salientamos que as propostas educacionais precisam satisfazer as necessidades individuais de acordo com suas especializações e desejos.

Nossa formação deve seguir no sentido de inovar, revitalizar, reformar a escola, desconstruir os padrões que dificultem sua amplitude. A transformação também passa pelos profissionais que lá estão e a liderança do professor também reflete o tipo de atuação que buscamos proporcionar e o tipo de aluno que gostaríamos de formar, conscientes da diversidade que se apresenta e da importância que temos na vida dos educandos.

Nesse momento pensamos na formação do profissional pedagogo e na relevância da sua atuação. Quando nos construímos, passamos a espalhar nossa identidade nas nossas ações, na nossa profissão, essa ação se amplia. Nossos alunos são diretamente afetados pelas nossas atitudes e o nosso conhecimento precisa ser o mais amplo possível para ajudar no desenvolvimento dos educandos. Devemos manter nossa formação em constante evolução para cada vez mais diagnosticar as dificuldades de aprendizagem e motivar o aprendizado, diversificando as possibilidades de atuação. Lembrando sempre que as relações sociais se dão em todos os espaços e a aprendizagem ocorre efetivamente nesses momentos.

CAPÍTULO 5 – UM MENINO EM CONSTRUÇÃO, o estudo de caso.

Quando decidi relatar a trajetória de vida desse mestre de bateria, levei em consideração a história que conhecia e de que forma esse relato poderia contribuir nas práticas educativas que temos hoje. O que um jovem simples poderia oferecer a sociedade? O que o tornava tão especial ou diferenciado em relação a qualquer outro?

Tive um pouco de dificuldade em chegar diretamente ao mestre e pedir a entrevista, devido aos temas complexos que poderiam vir a ser tratados (mesmo não sendo segredo para quem o conhece particularmente). Começamos conversando sobre assuntos que nos interessavam e não eram ligados diretamente a vida pessoal dele e no final, acabei conseguindo fazê-lo falar, desde que não o identificasse. Segue a íntegra das entrevistas realizadas, não estruturadas, exatamente nas palavras ditas, substituindo apenas os nomes dos personagens ligados a trajetória da vida dele. Assim como breve relato das minhas impressões da entrevista de João, mestre de bateria, com 26 anos, seguido da íntegra.

Durante as entrevistas, documentei o seguinte:

- **Infância:** João perdeu a mãe, muito jovem. Ela era ajudante do tráfico, usuária de drogas e em determinado momento teve problemas durante a prestação de contas e foi assassinada, sem maiores preocupações em culpabilizar o assassino ou restituir os familiares de qualquer indenização. O pai de João casou-se várias vezes e os filhos cuidavam de si, de acordo com as possibilidades. Muitos momentos foram de fome e tristeza, dependendo da contribuição de outros moradores da favela para sobreviver. A escola era um refúgio, um momento alheio a esse sofrimento, mas não era representativo de oportunidades ou possibilidade de mudança de vida.
- **Adolescência:** Durante a juventude, influenciado pelas amizades, João entrou para o tráfico. Sequer consegue fazer uma separação linear de quando esse movimento se deu, simplesmente em um dia não era parte e no outro estava lá, armado. Contou com a influência de amigos para acreditar que existiam outras possibilidades na vida.
- **Vida Adulta:** Hoje, acredita ser uma influência positiva na vida dos outros jovens, sem desconsiderar os problemas enfrentados durante a infância e adolescência, consciente da necessidade de contar sua trajetória e evitar que outros jovens façam as mesmas escolhas ou evitando a participação desses jovens. Acredito que esconde a verdadeira

formação escolar, não tem o ensino fundamental completo, mas preferi não constrangê-lo mais pedindo comprovação.

- Futuro: Pretende continuar incentivando os jovens da favela, participando de oficinas de percussão onde ensina o ritmo do samba para pessoas de todas as idades e contribuir para a perpetuação da cultura das favelas cariocas e construir uma família.

O que você lembra da sua infância?

- Eu lembro que com seis anos de idade eu ia atrás do meu pai pros sambas. Ele ia tocar, ensaiar ir pros ensaios e eu ia atrás dele. Ele ficava tocando e eu segurando na calça dele, acompanhando ele. Entendeu? O que eu mais fazia era isso.

Até que série você estudou? Você acha que a escolarização faz falta na sua vida hoje?

- Eu estudei até o 1º ano do 2º grau. E hoje faz muita falta....porque não tenho mais força de voltar. Porque foi quando que me envolvi na vida errada... e meus estudos ficou pra trás.

Você se acha uma influência na vida dos outros jovens?

- Pra música sim... tipo tem assim, todo lugar que a gente vai a gente leva os garotos pra tocar entendeu? A gente desfila em várias escolas de samba, então a gente vive levando eles. Então teve um tempo que as mães acharam que a gente tava ganhando dinheiro em cima deles, aí começou a proibir os garotos de sair com a gente. Aí os moleques ficaram bolados e começaram a se envolver na vida errada, entendeu? Aí quando as mães descobriram vieram chorando pra cima da gente, pedindo pra levar eles pro samba e tal, “Leva meu filho pro samba pelo amor de Deus, ele tá na vida errada, num sei o quê...”, aí eu falei pô, a culpa não é nossa, você proibiu de ir pro samba, o moleque foi pra vida errada, agora quer que a gente leve pro samba? A gente vai tentar, vai conversar. Aí tem todo aquele processo né? Conversar, chama pra conversar, num sei o que, até ele mudar de ideia, até ele continuar nessa vida é uma luta, entendeu? Conversa com o policial, que as vezes o policial pega na infração, trata ele mal, é um bagulho invocado. Os próprios policiais conversam com a gente pra falar dos garotos

da bateria que estão se envolvendo, pra gente conversar com ele pra eles saírem dessa vida.

Com quantos anos você se envolveu com o tráfico?

- Assim, foi bem logo que eu terminei o primeiro grau, entendeu? Com quatorze ou quinze anos mais ou menos, foi quando eu fui pro primeiro ano, entendeu? Eu comecei a me envolver mas ia pro colégio, depois eu comecei a faltar as aulas, comecei a faltar, faltar, faltar, aí eu repeti, aí no outro ano eu voltei a estudar, mas no meio do ano eu parei, quando eu larguei o estudo pra ficar na vida errada, entendeu? Foi por aí, eu tinha quatorze, quinze anos, fiquei até os dezoito. Foi assim, com dezessete anos mais ou menos, foi quando ia começar o projeto de percussão pras crianças e fui chamado pra dar aula. Disseram que iam precisar de mim, mas pra isso eu tinha que largar essa vida pra poder dar um bom exemplo pras crianças. É um bagulho complicado porque assim, quando eu me envolvi, perdi minha mãe cedo, com quatro ou cinco anos de idade mais ou menos, ou três anos, sei lá. Perdi minha mãe e tal por causa de droga. Ela usava muita droga, meio que se envolvia no tráfico também porque ela levava as drogas pros outros lugares, né? Como mulher passa batido, então ela vivia fazendo isso. Teve uma vez que ela usou, sei lá ou perdeu, uma parada assim, aí os caras falaram que ela tinha q pagar, ela não tinha como, não tinha condições, aí pagou com a vida. Um maluco lá foi e matou ela, ficou por isso mesmo. Cabô. Quem me criou, fui criado pela minha irmã mais velha e tal, tipo foi uma dificuldade só né cara, às vezes eu não tinha comida pra comer, meu pai vivia na rua, entendeu, vivia, tipo arrumava as mulé e ia morar com as mulheres dele e então era minha irmã ficava sozinha, os amigos que ajudavam, era a mãe dos colegas, desde moleque sempre me ajudou, então tipo assim, foi quando eu comecei a crescer, os amigos a maioria era tudo da boca, foi quando eu comecei a parar pra conversar, vivia parando pra conversar, aí quando fui ver tava armado até os dentes, entendeu? Quando fui ver já tava lá dentro, com o corpo todo. Nisso aí eu fui indo, fui indo, fui indo, tipo os colegas ficavam alugando, “pô sai dessa, num sei o quê...”. Um colega parecia um polícia pra mim, quando ele me via, eu como não sabia onde enfiar a arma, porque eu tinha mó respeito por ele e ele me alugava, foi quando começou o projeto de percussão pras crianças e eu larguei tudo. Eu escolhi o samba, parti pra música, todo mundo gostava de mim por causa disso. Quando eu comecei a me envolver com o tráfico, todo mundo se afastou, então foi quando eu pensei, meus amigos estão

se afastando, uma namorada que eu tive na época, se afastou, e o samba que eu amava, amo até hoje, e eu ia perder por um bagulho que não vale a pena. Foi quando eu larguei tudo e tô aí, vivo até hoje. Virei mestre de bateria da escola de samba do morro, virei diretor em outras escolas e tô aí até hoje. E o que os amigos fizeram comigo lá atrás, me ajudava, me dava comida, pagava minha passagem pra ir pro samba, entendeu? Ficava conversando comigo pra largar essa vida, eu faço com os garotos de hoje em dia, a gente vive conversando, “vamo marcar um dez aí pra gente conversar, vamo comer uma pizza”, a gente marca com os moleques assim, a gente faz o ensaio, aí depois a gente come uma pizza, e conversa né cara? Passa pros moleques, como é que é o caminho, me uso como exemplo, “eu era isso, hoje...”, entendeu? Sempre me uso de exemplo, pros garotos acordarem, Hoje em dia não vale mais a pena... é isso aí!

O que você planeja para o futuro?

- O que eu planejo pro meu futuro? Assim, a princípio é continuar o que eu estou fazendo, é dando aula pras crianças, mostrando o caminho, que o caminho da música é o melhor caminho, continuando sendo mestre, continuando ser diretor de bateria, continuar recrutando aqueles que se envolvam no crime, entendeu? Trazendo eles pra música é isso aí. É mais ou menos isso aí. Hoje, eu dou aula até pra idosos... Casar, ter filhos, e claro meu filho vai ser da bateria, filho do mestre!

CONCLUSÃO

O samba faz parte da nossa cultura e através dele aprendemos que precisamos nos transformar para continuar evoluindo. A sua representação enquanto dança e música nos remete a momentos de comunhão, onde nos unimos em roda para festejar. É essa memória que devemos ter, unir para evoluir e celebrar um novo sentido para nossas vidas.

Desde que nascemos, somos impregnados de construções sociais durante toda a vida, vindas da família e da comunidade em que somos inseridos. O lugar que ocupamos na sociedade depende de toda escolha que fazemos e a educação é parte fundamental na influência dessas escolhas. Vimos que existem caminhos bons e ruins que podemos seguir, cabe ao profissional de educação se apropriar das relações estabelecidas na escola para contribuir positivamente na participação dos educandos na sociedade.

Procuramos durante a construção deste trabalho, valorizar a educação levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e tornando o aprendizado divertido e interessante. Desenvolvemos estratégias capazes de contribuir com a valorização do profissional de educação em conjunto com a representatividade dos educandos e seu protagonismo em relação a escola que pretendemos possuir. Nosso compromisso com a sociedade que acreditamos, é realizar uma educação para a felicidade, onde todas as experiências sejam transformadoras, realizadoras e que realmente signifiquem a construção dos indivíduos.

Valorizamos a condição humana do professor, que o torna limitado em relação às possibilidades de educar na atual realidade brasileira, mas proporcionamos um desafio a esse profissional que venha permitir a criação de novas práticas e superação das dificuldades apresentadas. O papel do profissional de educação no Brasil com a formação acelerada, as escolas sucateadas, os alunos desinteressados, a remuneração mínima para manter a sobrevivência é um desafio cotidiano. Enfim, é preciso incentivar as práticas inovadoras e os profissionais que ainda investem na área. Apesar de não ser sacerdócio, a educação comprometida com a qualidade e objetivando o aprendizado efetivo, requer conscientização e investimento quase exclusivos. Nosso papel enquanto educadores, é proporcionar mudanças e em relação ao caso estudado neste trabalho, vimos que possibilitar a transformação de realidades impulsiona novos casos. Quando mostramos que é possível modificar trajetórias,

oportunizamos que outras vidas sejam transformadas, pensamos na realidade das favelas e o que podemos fazer em relação a estes educandos.

Compreendemos que o papel central do profissional pedagogo é identificar suas limitações e buscar além da sua formação, construir mecanismos que possibilitem superar as dificuldades que se apresentam e modificar o que for possível. Novas formas para transformar a realidade dos educandos, estimular a criatividade e apoiando para que eles superem suas dificuldades.

Segundo FREIRE (1996, p. 123) “Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.” e por isso é papel nosso abrir os horizontes dos educandos, oportunizando possibilidades que normalmente eles não teriam em seu cotidiano. Fazer diferente, acreditar na inteligência, capacidade e desenvolvimento das crianças.

O cotidiano das favelas é um exemplo de ambiente socialmente desvalorizado que se torna um campo de transformação das realidades, impulsionado pela realização de atividades vistas como comuns e que viabilizam outras formas de educar.

Esperamos ter possibilitado o estudo futuro de outras vertentes deste tema, buscando a valorização da cultura popular nos espaços em que ela ainda não é vista como acreditamos que deve.

O samba completa 100 anos e permanece representando nossa voz, assim como no passado, mas precisou se transformar e evoluir, indicando que nossa educação também pode se modificar para representar outras realidades. Visamos contribuir na criação de instituições e profissionais de educação, conscientes da necessidade de novas ideologias e tecnologias para a construção de uma sociedade igualitária. ILLICH (1973) nos indica que "Os aprendizes não deveriam ser forçados a um currículo obrigatório ou à discriminação baseada em terem um diploma ou certificado." Acreditamos que para ser útil numa nova sociedade, nossos conhecimentos não serão medidos pela meritocracia e a imposição de etapas previamente estipuladas. Seremos capazes de promover a identidade social e efetivamente transformar realidades enquanto buscamos associar ao nosso objetivo um padrão de sistema educacional que disponibilize acesso para todos, em todas as épocas de suas vidas, sem restrições. Capaz de partilhar os conhecimentos e desenvolver assuntos de interesses comuns, para a criação de uma nova sociedade onde a felicidade seja o fator mais importante, conscientes de que nós somos o nosso trabalho, como DE MASI nos apresenta em (2000, p.148), "O trabalho, ofício

ou profissão é o nosso cartão de visitas: ele nos confere uma identidade social. Somos aquilo que fazemos."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE MASI, D. O ócio criativo. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.

DINIZ, A. Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. Qualidade na educação: Uma nova abordagem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

ILLICH, I. Sociedade sem escolas. Petrópolis: Vozes, 1973.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares - As razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997.

NOGUEIRA, M. A. Trajetória escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. In: Teoria & Educação, n.3, 1991, p.90.

SENOS, J. Identidade social, auto-estima e resultados escolares. Análise Psicológica (1997), 1 (XV): 123-137

SILVA, F.P. O olhar do mestre: representações de identidades nas escolas públicas de Rio das Pedras. In: Marcelo Baumann Burgos. (Org.). A utopia da comunidade. Rio das Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2002, v., p.167-179.